

A AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Curitiba – PR – Abril 2013

Alessandra de Paula – Centro Universitário Internacional UNINTER –
alessandra.p@grupouninter.com.br

Juliane Marise Barbosa Teixeira – Centro Universitário Internacional UNINTER –
juliane.te@grupouninter.com.br

Nelson Pereira Castanheira – Centro Universitário Internacional UNINTER –
nelson.c@grupouninter.com.br

Pesquisa e avaliação

Educação continuada em geral

Formas de assegurar a qualidade

Modelos de planejamento

Investigação científica

RESUMO

A educação a distância no Brasil já é uma realidade insofismável. É algo que não está distante de nós. Uma barreira sempre presente é a avaliação do aluno. Como fazê-la com fidedignidade e segurança e sem provocar a desmotivação do aluno? Uma avaliação não pode ser ameaçadora ou punitiva, ela deve apontar e incentivar a busca por caminhos que levem à dignidade e a realização do indivíduo. Uma avaliação bem conduzida abre caminhos para uma convivência social harmoniosa e fértil; ela deve exaltar qualidades, diagnosticar dificuldades e reverter pontos fracos, enfim, a avaliação deve ser um fator motivador. A boa avaliação é aquela que acontece de forma contínua e exalta não só um pequeno registro ou frações de atividades limitadas e antropocêntricas, mas sim, o contexto, as ações individuais e coletivas, assim como as impressões deixadas por cada educando, nunca deixando de ser um complexo desafio. Para a educação a distância não se pode dissociar a avaliação do uso de tecnologias da informação e comunicação (TICs) que permitem a aproximação do aluno com a Instituição de Ensino, do aluno com o seu professor e do aluno com o seu tutor.

Palavras-chave: *avaliação na EaD; técnicas de avaliação; instrumentos para avaliação.*

1 INTRODUÇÃO

“Algumas das verdades que permeiam a sociedade nem sempre são assimiladas por não serem entendidas.” Ivo José Both

A educação a distância no Brasil já é uma realidade insofismável. É algo que não está distante de nós. Seja em cursos de extensão, em cursos de aperfeiçoamento, em cursos profissionalizantes, na graduação ou na pós-graduação, a educação a distância tornou-se importante ferramenta para viabilizar financeiramente a realização da disseminação do conhecimento e para permitir que esse conhecimento chegue aos locais onde a educação presencial está ausente.

Em qualquer das situações mencionadas, uma barreira sempre presente é a avaliação do aluno. Como fazê-la com fidedignidade e segurança? Como fazê-la sem provocar a desmotivação do aluno que muitas das vezes se sente só na caminhada, apesar de toda a tecnologia em seu entorno para interação e para sanar suas dúvidas?

Apesar do ensino na modalidade a distância permitir que o aluno determine a sua própria velocidade de aprendizagem, ele não deve se sentir isolado da Instituição de Ensino ou o desestímulo aparecerá a qualquer momento, principalmente no momento da avaliação.

2 OS PROPÓSITOS DA AVALIAÇÃO

“Na educação a distância, pelo fato de o aluno estar distante do instrutor e de este normalmente estar longe da entidade administrativa, o sucesso de toda a iniciativa depende de um sistema eficaz de monitoramento e avaliação” (MOORE; KEARSLEY, 2007, p. 130).

Os propósitos da avaliação no meio acadêmico justificam-se pela necessidade de identificarmos meios que sustentem as facilidades e meios de reversão das dificuldades que possam entravar o amplo desenvolvimento do ser humano.

Uma avaliação não pode ser ameaçadora ou punitiva, ela deve apontar e incentivar a busca por caminhos que levem à dignidade e a realização do indivíduo. Ela deve entusiasmar e direcionar o educando – seja ele de que idade for – à compreensão do mundo, aos valores éticos e principalmente às formas de manutenção da sociedade.

Uma avaliação bem conduzida abre caminhos para uma convivência social harmoniosa e fértil; ela deve exaltar qualidades, diagnosticar dificuldades e reverter pontos fracos, enfim, a avaliação deve ser um fator motivador.

Observamos em um educando três pontos básicos no processo avaliativo: a Competência, a Capacidade e a Habilidade, que se definem, segundo Both (2011, p. 99) por:

Competência: é imprescindível ao bom estudante assessorar-se e assegurar-se de fontes que lhe deem base suficiente de acesso a conteúdos de variada ordem, oriundos das diferentes áreas do conhecimento.

Capacidade: uma vez senhor de muitos e variados conhecimentos sobre temas específicos e genéricos, cabe ao estudante saber o que fazer com eles, saber aplicá-los e relacioná-los. Mas, somente isso não basta: é necessário ser hábil.

Habilidade: eis a questão. O aluno é detentor de inúmeros conhecimentos de forma ordenada e consequente (o que o caracteriza como competente), aplica os conhecimentos no dia a dia e os relaciona entre si, quando necessário (faculdade de ser capaz), então ainda lhe resta ser hábil.

A junção desses três componentes traduz-se nos objetivos da educação: conhecer, compreender, dominar e aplicar o conhecimento. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN):

O conceito de aprendizagem significativa, central na perspectiva construtivista, implica, necessariamente, o trabalho simbólico de ‘significar’ a parcela da realidade que se conhece. As aprendizagens que os alunos realizam na escola serão significativas à medida que conseguirem estabelecer relações substantivas e não arbitrárias entre os conteúdos escolares e os conhecimentos previamente construídos por eles, num processo de articulação de novos significados. Cabe ao educador, por meio da intervenção pedagógica, promover a realização de aprendizagens com o maior grau de significado possível, uma vez que esta nunca é absoluta — sempre é possível estabelecer alguma relação entre o que se pretende conhecer e as possibilidades de observação, reflexão e informação que o sujeito já possui.

Os processos avaliativos podem se manifestar de muitas formas. Quando proposto qualquer tipo de atividade ou interação, espera-se resultados.

A principal pergunta que todo professor deve se fazer é: O que eu quero que meus alunos sejam capazes de compreender, assimilar e reproduzir com esse conteúdo? Identificando a resposta, o professor deverá traçar estratégias para que o aluno seja capaz de alcançar os objetivos propostos – compreender, assimilar e reproduzir.

A realização de um processo de aprendizagem adequado e satisfatório por parte dos alunos, de acordo com Aredondo e Diago (2009, p. 11), constitui a finalidade de todo processo de ensino e a razão de ser da prática docente, ou seja, avaliar o processo de aprendizagem dos alunos é muito mais do que atribuir-lhes um valor numérico como resultado da avaliação. É a comprovação dos seus conhecimentos em relação à consecução dos objetivos educacionais, é conhecer o nível de conquistas atingido, suas aprendizagens e seus progressos.

3 COMO AVALIAR

“A avaliação é a peça fundamental da ‘modernidade escolar’. A partir de meados do século XIX deixa de ser possível imaginar processos educacionais que não conduzam a modalidades de julgamentos dos alunos e de seus conhecimentos” (FERNANDES, 2009, p. 13).

Obviamente, os fatores humanos e sociais devem ser levados em consideração em um plano de avaliação. As pessoas aprendem de formas diferentes e cabe ao professor identificar as melhores estratégias para dirigir seus alunos ao caminho certo:

Não podemos deixar de fora que as relações socioeconômicas de cada região que interferem no processo educacional. A diferenciação dentro do país já é significativa e a escola brasileira reforça a tendência ao não adequar suas estratégias de ensino à real clientela que atende. (...) Conhecer a respeito da sua clientela, se torna aspecto fundamental no processo avaliativo. A influência do aspecto social da região onde se ensina para com o processo educacional e também no processo avaliativo representa como um grande fator no qual poderá ser utilizado pelo educador, ou contra, ou a favor dele (CASTRO, 1998).

Afonso (2002, p. 34) propõe que:

Na modalidade de avaliação, os resultados quantificáveis (por

exemplo, os que se referem ao domínio cognitivo e instrucional) tornam-se mais importantes do que os que se referem a outros domínios ou outras aprendizagens. A complexidade do processo educativo é tendencialmente reduzida a alguns produtos visíveis que acabam assim por induzir a utilização de testes estandardizados e estes, por sua vez, passam a ter um papel central ao fornecer resultados que são úteis indicadores de mercado.

A avaliação, portanto, também é uma questão de bom senso, uma vez que cabe ao professor responsabilizar-se não pelo aluno como pessoa, mas pelo conhecimento que lhe oportuniza, assim como pela reação e pela mudança comportamental que provoca nele como ser social, destaca Both (2008, p. 30).

Cabe destacar o crescimento exponencial da educação a distância, vista por muitos como o principal agente da inclusão social no Brasil na última década:

A verdade é que a prática da educação a distancia tem sido concretamente uma prática educativa, isto é, uma prática de interação pedagógica, cujos objetivos, conteúdos e resultados obtidos se identificam com aqueles que constituem, nos diversos tempos e espaços, a educação, como projeto e processo humano, histórica e politicamente definido na cultura das diferentes sociedades (SARAIVA, 1995).

Como lidar com a avaliação nesse contexto de milhares e milhares de alunos geograficamente dispersos em relação à Instituição de Ensino responsável pela mesma?

Especificamente para a educação a distância, a avaliação não percorre caminhos diferentes, entretanto é muito importante perceber nessa modalidade a avaliação precisa e incorporar determinadas especificidades. Conforme Saraiva (2005):

No caso da educação a distância, sua avaliação necessariamente deverá levar em conta sua estrutura as relações dessa estrutura com o contexto. Consequentemente, a presença de dados quantitativos é fundamental, mas só farão real sentido se forem complementados por explicações, que extrapolam o puramente quantitativo, abrangendo questões referentes a valores, percepções, motivações, intenções.

Percebe-se que, quando interage com o professor e é bem recebida, a aprendizagem materializa-se nos sentimentos gerados pelo reconhecimento do professor perante sua participação e acaba sendo muito mais interessante agir assim, do que simplesmente aceitar o que lhe é oferecido, e que os

instrumentos de avaliação são apenas acessórios necessários pelas convenções e legislações e deixa de ser o tão temido instrumento punitivo.

A boa avaliação é aquela que acontece de forma contínua e exalta não só um pequeno registro ou frações de atividades limitadas e antropocêntricas, mas sim, o contexto, as ações individuais e coletivas, assim como as impressões deixadas por cada educando, nunca deixando de ser um complexo desafio.

4 INSTRUMENTOS PARA AVALIAÇÃO

Um cuidado muito especial deve ser dispensado à forma de como será feita a avaliação de um aluno. Tanto aluno quanto professor estão habituados a serem avaliados, mas nem sempre de forma harmoniosa. Às vezes, cria-se em torno da avaliação um clima de medo, de aversão, de antipatia.

“Cabe aos professores serem os impulsores da mudança para uma nova cultura avaliadora, em que a pessoa do aluno é mais importante que a classificação de seu rendimento” (ARREDONDO; DIAGO, 2009).

Para Romanowski e Cortelazzo (2004),

A educação tem na avaliação escolar uma maneira de aferir como os alunos vêm se apropriando do conhecimento na escola. Avaliar exige acompanhar o crescimento do educando, utilizando para isso vários instrumentos de diagnóstico, que resultam na nota como reflexo de todo o desenrolar de uma construção do pensamento científico no educando. Desta maneira, a avaliação assume um caráter mais construtivo do que instrutivo de aprendizado.

O maior desafio é a determinação de qual tecnologia utilizar para melhor adequar a relação ensino-aprendizagem à realidade de cada polo de apoio presencial, na educação a distância. Nesta vertente, Cortelazzo (2000) explica que as tecnologias de informação e comunicação da EaD são utilizadas para “desenhar, planejar, administrar, e orientar a formação do indivíduo”. Daí o importante papel das tecnologias que suprem uma lacuna histórica deixada entre professores e alunos, entre alunos e escola e entre professores e escola.

É importante ressaltar que não se deve confundir técnica com instrumento. Enquanto técnica é o método operativo que inclui diversos procedimentos para obter a informação necessária sobre a aprendizagem dos

alunos, um instrumento é uma ferramenta específica, um recurso específico que se utiliza sob uma técnica específica.

Vários são os instrumentos pelos quais um professor pode avaliar o seu aluno, desde uma prova objetiva ou uma prova discursiva, até um seminário ou um debate. Mas como operacionalizar os diversos tipos de instrumentos para a educação na modalidade a distância? Outros instrumentos de igual validade podem ser utilizados, como estudo de caso, relatório individual, trabalho em grupo, portfólio, entrevista, autoavaliação, dentre outros.

Não pode passar despercebido que um dos mais importantes instrumentos da avaliação é o *feedback*. O *feedback* deve proporcionar ao aluno o seu nível, ou seu estado, real perante os objetivos da aprendizagem e, ao mesmo tempo, fornecer-lhe informação que o ajude a alterar (melhorar) o referido estado (SADLER, 1998, p. 77).

5 CONCLUSÃO

Desde meados do século XIX, as mudanças nos modelos de avaliação da educação presencial foram uma constante. Partia-se do conceito que a avaliação devia medir, classificar, para distinguir alunos que podem e alunos que não podem aprender. Julgava-se os alunos e os seus conhecimentos. Muito se evoluiu nesse sentido, mas com o foco centrado no modelo presencial.

Para a educação a distância não se pode dissociar a avaliação do uso de tecnologias da informação e comunicação (TICs) que permitem a aproximação do aluno com a Instituição de Ensino, do aluno com o seu professor e do aluno com o seu tutor. As TICs permitem ao aluno a realização de pesquisas que, incorporadas ao processo avaliativo, lhe permite agregar valor ao seu conhecimento de forma continuada. Neste século XXI, com as sociedades multiculturais muito mais exigentes, os currículos dos cursos exigem do aluno muito mais que simples memorização de conteúdos.

Com a educação a distância, o ensino está finalmente democratizado. Com isso, assistindo a uma mesma aula temos diferentes culturas, dispersas em diferentes locais, acessando uma mesma informação. Isso exige uma

avaliação extremamente bem estruturada, exigindo do avaliador a correta utilização de diversas ferramentas: as técnicas de avaliação e os instrumentos de avaliação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, Almerindo Janela. **Avaliação educacional**: regulação e emancipação. São Paulo: Cortez, 2002.

ARREDONDO, Santiago Castillo; DIAGO, Jesús Cabrerizo. **Avaliação educacional e promoção escolar**. São Paulo: Unesp, 2009.

BOTH, Ivo José. **Avaliação planejada, aprendizagem consentida**. 2. ed. Curitiba; Editora Ibpex, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. 3. ed. Brasília, 2001.

CASTRO, Maria Helena Guimarães de. **Avaliação do sistema educacional brasileiro**: tendências e perspectivas. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 1998.

CORTELAZZO, I. B. C. 2000. **Novas formas de aprender e ensinar com a Internet**. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2000.

FERNANDES, Domingos. **Avaliar para aprender**: fundamentos, práticas e políticas. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

ROMANOWSKI, J. P.; CORTELAZZO, I. B. C. **Guia de orientação de cursos**. Curitiba; Editora Ibpex, 2004.

MOORE, Michael; KEARSLEY, Greg. **Educação a distância**: uma visão integrada. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

SADLER, D. **Formative assessment**: revisiting the territory. Assessment in education: principles, policy & practice, 1998.

SARAIVA, Terezinha. **Avaliação da educação a distância**: sucessos, dificuldades e exemplos. Disponível em: <<http://www.senac.br/bts/213/2103032045.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2013. Boletim Técnico do Senac. v. 21, n. 3, set./dez. 1995.